

# Pedro Malan descarta repetir modelo adotado pelo governo da Argentina

Ministro afirma que não haverá reestruturação da dívida interna

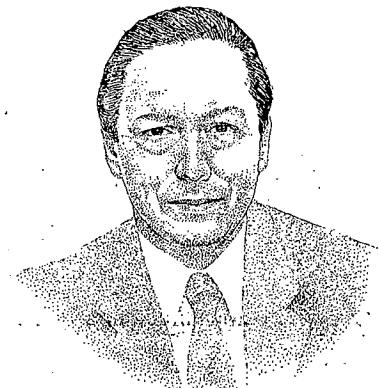
O Brasil vai continuar a pagar normalmente a dívida pública interna, afirmou ontem o ministro da Fazenda, Pedro Malan, em breve conversa com jornalistas à saída de seu encontro com um grupo de banqueiros privados no Federal Reserve Bank (Fed) de Nova York. "Não haverá nenhuma reestruturação da dívida interna, não há nenhuma necessidade disso", assegurou.

Pedro Malan descartou assim a especulação de que o Brasil poderia repetir o esquema Bonex, em que o governo argentino de Carlos Menem trocou compulsoriamente a dívida interna de curto prazo por um bônus de longo prazo vinculado ao dólar. Alguns analistas financeiros, nos últimos dias, consideraram a hipótese provável.

Malan acrescentou que o Brasil optou pela flutuação do câmbio do real ao sabor do mercado, e não vai interferir para apoiar a moeda num certo nível. "A hipótese de o Brasil adotar um sistema de paridade com o dólar (o "currency board" argentino) foi levantada nos últimos meses, e nós explicamos os motivos pelos quais pensamos que este não é um regime cambial apropriado no caso brasileiro", disse o ministro da Fazenda.

Na sede do Fed no distrito financeiro de Manhattan, Malan conversou com um grupo de banqueiros que incluiu o bilionário administrador de fundos George Soros, do Quantum Fund; o co-presidente da Goldman Sachs, John Corzine; o presidente da Merrill Lynch, David Komansky; e o vice-presidente do conselho do Citigroup, William Rhodes.

Ao sair, explicou que as linhas de crédito dos bancos internacionais para financiar o comércio externo do Brasil não foram discutidas no encontro, mas acentuou que elas "estão indo razoavelmente bem". "Não estamos muito preocupados com as linhas de crédito, e não tratamos delas durante a conversa", afirmou o ministro.



Pedro Malan

Horas antes, o Brasil fora o tema do café da manhã com executivos promovido pela Câmara de Comércio Brasil-Estados Unidos, tendo como debatedores um diretor do Banco BBA Creditanstalt, Edmar Bacha; o presidente do Morgan Stanley Latin America, Francisco Gros; e o economista norte-americano Albert Fischlow, colega acadêmico do presidente Fernando Henrique Cardoso no passado.

Bacha apresentou suas previsões para a economia brasileira, antecipando uma contração de 0,5% no Produto Interno Bruto (PIB) em 1999, quando banqueiros estrangeiros chegam a imaginar uma queda de 3%. O ex-presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) disse que a desvalorização permitirá que o Brasil passe de déficit para um superávit comercial de US\$ 4,5 bilhões neste ano, enquanto o déficit de contas correntes cairá de 33% para 20%.

A inflação, a seu ver, ficará abaixo de 10% até dezembro, ajudada pela recessão. E o câmbio deve oscilar entre R\$ 1,45 e R\$ 1,5 por dólar até o final do ano, quando há analistas externos achando que o câmbio vai testar os níveis de R\$ 1,7 a R\$ 1,8 nos próximos dias. Considerado um possível sucessor de Pedro Malan se houver mudança no Ministério da Fazenda, Bacha afirmou esperar a aprovação da reforma fiscal pelo Congresso.